

## Kant e o ceticismo

PLÍNIO JUNQUEIRA SMITH

(USJT). E-mail: psmith@usjt.br

*Custom and Reason in Hume: a Kantian reading  
of the First Book of the Treatise*

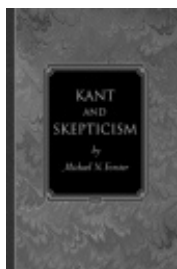
Henry E. Allison

Oxford

Oxford University Press

2008

ISBN: 978-0-1995-3288-9



*Kant and Skepticism*

Michael N. Forster

Princeton and Oxford

Princeton University Press

2008

ISBN: 978-1-4008-2440-3

*Knowledge, Reason, and Taste: Kant's Response to Hume*

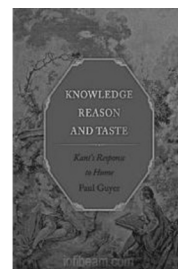
Paul Guyer

Princeton and Oxford

Princeton University Press

2008

ISBN: 978-0-691-13439-0



Recentemente foram publicados três livros em que a relação de Kant com o ceticismo é o assunto principal. Dois desses livros, o de Paul Guyer e o de Michael Forster, tratam especificamente do papel desempenhado pelo ceticismo no interior da filosofia kantiana. O primeiro é um conjunto de quatro artigos publicados entre 2003 e 2006, mais um artigo original, e apresenta uma visão bastante ampla do tema, tratando das três *Críticas*. O segundo livro tem duas partes. Na parte inicial, oferece uma introdução à filosofia de Kant a partir de sua confrontação com o ceticismo. Na parte final, procura defender o ceticismo das

críticas de Kant, mostrando que estas não são tão decisivas quanto Kant julgou. O terceiro livro, de Henry Allison, consiste num estudo da filosofia de Hume à luz de Kant, pretendendo não somente iluminar nosso entendimento do ceticismo humeano, mas também mostrar suas deficiências. Assim, enquanto Forster toma partido dos céticos contra Kant, Allison toma partido de Kant contra os céticos.

O interesse na relação de Kant com o ceticismo não é novo e, muito menos, arbitrário. Como se sabe, Kant confessou que Hume o teria despertado do sono dogmático. É, portanto, um lugar comum que, entre as principais preocupações de Kant, está a de encontrar uma resposta para o Problema de Hume ou, posto de maneira mais ampla, nas palavras de Forster (2008, p. 3), a filosofia crítica tem como duas preocupações centrais “tratar do *ceticismo* e desenvolver uma *metafísica* reformada.” Mas esse lugar comum admite muitos desdobramentos, que geram controvérsias interpretativas infundáveis.

A tese central do livro de Forster (2008, p. 3) é a de que “os tipos de ceticismo que realmente originaram e motivaram a filosofia crítica são tipos de ceticismo que principalmente *ameaçaram a metafísica* e, inversamente, o que originou e motivou a reforma da metafísica elaborada pela filosofia crítica é, acima de tudo, uma aspiração a capacitar a metafísica a *resistir ao ceticismo*.” Guyer (2008, p. 30) tem uma posição ainda mais incisiva no que diz respeito à centralidade do ceticismo no pensamento de Kant. Para ele, “toda a *Crítica da razão pura* está organizada em torno de duas tarefas: primeiro, na ‘Analítica’, refutar o ceticismo humeano sobre os primeiros princípios; e, então, segundo, na ‘Dialética’, resolver o ceticismo pirrônico engendrado pela dialética natural da razão humana.” Além disso, na *Crítica da razão prática* e na *Fundamentação da metafísica dos costumes*, o ceticismo seria igualmente o adversário a partir do qual Kant estruturaria seu pensamento. “Essa filosofia moral [de Kant] está igualmente organizada em torno de duas tarefas centrais, a de revelar a origem a priori da lei moral na razão pura prática, um paralelo da refutação do ceticismo humeano na filosofia teórica, e, então, a de resolver muitas dialéticas naturais que ameaçam nosso compromisso com a moralidade, em paralelo à tarefa teórica de resolver o ceticismo pirrônico.” (Guyer 2008, p. 30)

É interessante notar que, de maneira independente, Forster e Guyer propõem uma interpretação, em linhas gerais, bastante similar do papel desempenhado pelo ceticismo na filosofia kantiana. Ambos enfatizam que se deve falar no plural, e não no singular, isto é, que é preciso distinguir diferentes formas de ceticismo e examinar como cada uma dessas formas colocada um desafio a Kant e lhe pede uma resposta específica. Para Forster (2008, p. 3), “os tratamentos de Kant sofreram comumente de uma praga, parece-me, por duas fraquezas intimamente associadas: a não distinção cuidadosa entre diferentes tipos de ceticismo e a (conseqüente) não distinção dos papéis diferentes que diferentes tipos de ceticismo desempenharam em conexão com a origem e motivação da filosofia crítica.” Quantas e quais são essas formas de ceticismo?

O esquema sugerido por Forster e Guyer é idêntico. Haveria, para Kant, três formas de ceticismo: o ceticismo humeano, o ceticismo pirrônico e o ceticismo cartesiano. Forster define essas três formas da seguinte maneira: a primeira “diz respeito a duas coisas: (a) a existência de conceitos não deriváveis das impressões sensíveis correspondentes (no idioma

de Kant: conceitos *a priori*); e (b) conhecimento de proposições nem verdadeiras simplesmente em virtude de uma lei lógica, nem conhecidas pela experiência (no idioma de Kant: conhecimento sintético *a priori*); a segunda “motiva a suspensão do juízo ao estabelecer um equilíbrio entre argumentos opostos ou ‘equipolência’ (*isostheneia*)”; a terceira “diz respeito à legitimidade da inferência a partir da existência e caráter das representações mentais de alguém para a existência e caráter de um mundo externo à mente” (2008, p. 4). Guyer (2008, p. 27-8) apresenta essas três formas de maneira quase idêntica. O ceticismo pirrônico é o ceticismo sobre a própria razão, que surge de uma dialética natural, mas aparentemente insolúvel. “Essa dialética natural produz confusão na esfera teórica, mas, ainda pior, produz corrupção na esfera moral”. O ceticismo humeano põe em xeque “tanto os princípios teóricos, como práticos” e “surgirá inevitavelmente, mesmo na ausência da dialética, se tentarmos justificar esses princípios por meio de um apelo à experiência.” O ceticismo cartesiano questiona “nosso conhecimento da existência e caráter dos objetos externos a nossas representações deles”.

Outra das teses compartilhadas por Guyer e Forster é que o ceticismo cartesiano é, do ponto de vista kantiano, a forma menos importante de ceticismo, ao contrário do que comumente se supõe. Forster (2008, p. 12) diz que “não acredito que esse problema é tão importante quanto se costuma crer.” Parte da razão alegada por Forster para diminuir sua importância é que essa forma de ceticismo é a mais frágil filosoficamente, admitindo uma resposta fácil. Guyer (2008, p. 30) se refere ao “papel menor do ceticismo cartesiano” e afirma (2008, p. 21) que “refutar o ceticismo cartesiano sobre objetos externos foi somente um pensamento posterior e um tema subsidiário em sua filosofia teórica.”

A diminuição do papel do ceticismo cartesiano merece algum comentário. Tradicionalmente, identifica-se o ceticismo moderno com a forma especificamente cartesiana do problema do mundo exterior. Na filosofia analítica, por exemplo, há uma espécie de obsessão com esse problema, que acaba obscurecendo as demais formas de ceticismo moderno e reduzindo todas as questões céticas ao problema do mundo exterior. Na historiografia da filosofia moderna, contudo, essa distorção vem sendo corrigida desde a clássica obra de Richard Popkin, na qual este defendia que a principal forma de ceticismo moderno era o ceticismo fideísta. Esses estudos mais recentes sobre Kant, portanto, continuam e ampliam a tendência de perceber a diversidade e riqueza do ceticismo na filosofia moderna. A leitura atenta e cuidadosa de Kant mostra não somente que há outras formas de ceticismo moderno, mas também que o ceticismo cartesiano não goza de um privilégio entre as diversas formas de ceticismo.

O livro de Allison também se insere nessa tendência mais recente de compreender adequadamente a especificidade de outras formas de ceticismo, em particular o ceticismo humeano. Uma de suas finalidades é precisamente “localizar novamente e redefinir” o ceticismo humeano (2008, p. 4). Allison distingue quatro linhas interpretativas: a cética, que nega qualquer função normativa para a razão; a naturalista, que subordina a razão ao costume e aos sentimentos; a que naturaliza a razão, harmonizando a razão com nossas propensões e sentimentos básicos; e a que vê Hume como um cientista cognitivo, buscando as causas de nossas crenças, isto é, descrevendo os mecanismos psicológicos das crenças. Allison filia-se a essa última linha interpretativa, aberta por Don Garrett e David Owens, sem, no entanto,

deixar de corrigir o que lhe parece necessário. Sua tese é a de que o ceticismo de Hume não é um raciocínio empírico de primeira ordem, mas uma “forma de meta-ceticismo” que resulta de uma “virada reflexiva”, de uma consideração sobre os sistemas filosóficos em geral e sobre o sistema cético em particular (2008, p. 4-5). O ceticismo humeano seria a profunda tomada de consciência “das implicações auto-referentes de suas análises das operações da mente” (2008, p. 5).

Há, no entender de Allison, uma série de semelhanças, mas também de divergências, entre os pensamentos de Hume e de Kant. Uma das sugestões interessantes de Allison é, precisamente, a idéia de que, em Hume, já existiria uma espécie de antinomia ou, mais precisamente, uma ilusão necessária da razão. Ele chega mesmo a afirmar que “seu tratamento do assunto poderia ser adequadamente caracterizado como uma ‘crítica da razão pura’, pelo menos na medida em que se entende por ‘pura’ não estar contaminada por quaisquer fatores externos.” (2008, p. 11) No entanto, Hume estaria interessado somente no aspecto patológico, enquanto Kant também está interessado na função positiva da razão. Noutras palavras, se, para Hume, a razão é escrava das paixões, para Kant a razão deve comandar. Esta seria a chave para entender a resposta kantiana ao problema de Hume.

## INSTRUÇÕES PARA OS COLABORADORES

A revista *Sképsis* publica, em português e em espanhol, artigos, resenhas e traduções que tenham interesse para a temática do ceticismo. Artigos submetidos em inglês ou francês, caso aprovados, serão traduzidos e publicados em português. A *Sképsis* publica preferencialmente artigos originais, mas, eventualmente, a comissão editorial pode julgar pertinente republicar um texto. Os textos devem ser enviados ao editor-responsável ou a um dos editores-assistentes da revista por via eletrônica, num arquivo anexado à mensagem, para um dos seguintes endereços: skepsis@revista-skepsis.com; psmith@usjt.br; luizeva@ufpr.br; robertof@usp.br; waldojsf@ufba.br.

Características dos textos. Estes devem ser digitados em arquivos doc ou rtf, com espaço 1,5, letra Times New Roman, tamanho 10, páginas numeradas, com resumo (até 100 palavras) e palavras-chave (até seis) em português (ou, quando for o caso, em espanhol) e em inglês. A citação deve ser feita da seguinte maneira: (Autor data, página). As notas devem estar no pé da página. A bibliografia deve estar no final, obedecendo à ordem AUTOR, obra, (Local: Editora, data), páginas. No texto deve constar: nome completo do autor, instituição a que pertence e endereço eletrônico para correspondência. No caso de o texto já ter sido publicado, é necessário incluir referência completa da publicação original, bem como apresentar autorização expressa do veículo em que apareceu originalmente para sua republicação na *Sképsis*.

Os textos propostos, se tematicamente pertinentes, serão submetidos à apreciação de pareceristas anônimos. O texto aprovado de modo preliminar será devolvido ao autor para eventuais correções no que diz respeito à redação ou ao desenvolvimento teórico. Quando definitivamente aprovado, o autor será informado da aprovação, bem como dos prazos estimados para a publicação.

Autores podem enviar livros recentes que sejam de interesse para a temática do ceticismo para serem resenhados. O endereço é: Programa de Pós-graduação em Filosofia, Universidade São Judas Tadeu, Rua Taquari, 546, 2º. Andar Bloco C, Mooca, São Paulo-SP, CEP 03166-000.